

UM ROMANCE

O CASO QUE NÃO EXISTIU

ADRIAN SOLARD



EDITORA SIGNA

EDIÇÕES CRITERIOSAS

BRASÍLIA-DF • 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Solard, Adrian

O caso que não existiu / Adrian Solard. -- Brasília,
DF : Editora Signa, 2026.

ISBN 978-65-975542-7-0

1. Literatura brasileira 2. Romance brasileiro
3. Ficção policial 4. Suspense (Ficção) I. Título.

CDU-821.134.3(81)-31

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 821.134.3(81)-31

O CASO QUE NÃO EXISTIU

© 2026 Adrian Solard

Todos os direitos reservados.

Edição brasileira: Editora Signa

Brasília-DF - 2026

Composição: Bitstream Charter, C059 e Nimbus Sans

Miolo em preto e branco · Formato 160 × 230 mm

Sumário

PARTE I — A FOTOGRAFIA CORTADA

1 A filha de Laura	6
2 A fotografia cortada	15
3 A ficha hospitalar	23
4 O morto que virou acidente	29
5 A universidade	38
6 Otávio Ramos	47
7 O termo apagado	55
8 Laura	60
9 A suspeita	66
10 Teresa saiu primeiro	71

PARTE II — A MULHER QUE SAIU PRIMEIRO

11 Teresa Nogueira	78
12 A casa da escada	83
13 Daniel vivo	90
14 Laura e Augusto	97
15 A reunião	103

16 A escada	110
17 Laura embaixo	116
18 O intervalo	122
19 A versão	129
20 A mulher que saiu primeiro	135

PARTE III — A ÚLTIMA VERSÃO

21 Depois do intervalo	144
22 A assinatura de Teresa	152
23 O hospital	159
24 Laura fala	167
25 Helena	175
26 Otávio	181
27 O que Augusto fez	188
28 O arquivo completo	195
29 A declaração	199
30 A última versão	204

PARTE I

A fotografia cortada

A filha de Laura

Augusto Lacerda reconhecia uma mentira antes mesmo de saber onde ela estava. Não por dom especial, nem por intuição mística, mas por ofício. Aos cinquenta e dois anos, depois de três décadas como advogado criminalista, havia aprendido que as versões mais perigosas quase nunca vinham com aparência de fraude. Vinham limpas demais. Vinham arrumadas demais. Vinham com a calma de quem já tinha sobrevivido ao tempo.

Naquela terça-feira, pouco depois das quatro da tarde, ele estava sozinho em sua sala, no décimo andar de um edifício antigo do Setor Comercial, revisando o depoimento de um homem condenado havia dezessete anos por um homicídio que talvez não tivesse cometido. Sobre a mesa, havia fotografias ampliadas, duas cópias de laudos, um marcador vermelho e uma xícara de café já frio. A chuva batia contra o vidro com insistência miúda, riscando a cidade por fora, enquanto Augusto relia a mesma frase pela terceira vez.

“Não vi o rosto dele, mas tenho certeza de que era ele.”

Ele sublinhou “não vi” e “tenho certeza”. Depois fechou a caneta.

A contradição era pequena. Bastava para abrir uma porta.

O telefone interno tocou.

Augusto não gostava daquele som. Preferia mensagens, batidas discretas, qualquer coisa que não cortasse a sala como uma intimação. Apertou o botão.

“Doutor Augusto?”, disse a voz de Clara Menezes, sua sócia.

“Sim.”

“Tem uma mulher aqui. Helena Figueiredo. Diz que não marcou horário, mas insiste que o senhor vai recebê-la.”

“Ela disse sobre o que é?”

“Disse que é sobre um caso antigo.”

Augusto olhou para os papéis à sua frente. Casos antigos eram a especialidade do escritório e, ao mesmo tempo, sua maldição comercial. Pessoas chegavam com caixas, fitas, cartas, áudios, recortes de jornal, fotos de batizado, certidões manchadas e a convicção de que havia uma injustiça escondida em algum lugar. Algumas tinham razão. A maioria tinha apenas dor.

“Ela trouxe documentos?”

“Uma pasta.”

“Só uma?”

“Só uma. Mas está segurando como se fosse um corpo.”

Augusto ficou em silêncio por um instante.

Clara não exagerava. Era jovem, mas tinha o olho treinado. Aos trinta e quatro anos, já aprendera a desconfiar tanto da teatralidade quanto da frieza. Se dizia que uma pessoa segurava uma pasta como se segurasse um corpo, havia algo no gesto.

“Faça-a entrar.”

Ele recolheu o depoimento, virou as fotografias para baixo e alinhou as folhas na mesa. Não por vaidade. Por hábito defensivo. Um advogado criminalista nunca deixa um caso exposto diante de outro.

A porta se abriu menos de um minuto depois.

Helena Figueiredo entrou sem pressa. Devia ter vinte e poucos anos. Vinte e quatro, talvez. Usava calça escura, camisa clara e um casaco molhado nos ombros. O cabelo castanho estava preso de qualquer modo, como se tivesse sido arrumado no elevador. Não havia maquiagem visível, nem joia, nem esforço de parecer mais velha. O rosto, porém, tinha uma seriedade que não combinava com a idade.

Ela carregava uma pasta de papelão grosso, presa contra o peito com as duas mãos.

Augusto levantou-se.

“Senhora Helena Figueiredo?”

“Helena basta.”

A voz dela era firme, mas não dura. Tinha o cansaço de quem ensaiara aquela cena durante muito tempo e, ao chegar a ela, já não encontrava espaço para hesitação.

“Augusto Lacerda.”

“Eu sei.”

Ele indicou a cadeira diante da mesa.

“Por favor.”

Helena não se sentou. Olhou para a sala primeiro. Não como curiosa. Como quem confere se o lugar corresponde ao que imaginou. Passou os olhos pelas estantes de livros, pelas pastas de processos, pela fotografia antiga na parede, em que Augusto aparecia mais jovem ao lado de dois ministros aposentados, e depois voltou ao rosto dele.

“Minha mãe dizia que o senhor era bom com documentos.”

Augusto apoiou a mão no encosto da cadeira.

“Ela me conhecia?”

“Sim.”

“Quem é sua mãe?”

Helena não respondeu de imediato. A mão direita apertou um pouco mais a lateral da pasta.

“Laura Figueiredo.”

O nome atingiu Augusto sem ruído. Não houve susto visível, não houve passo para trás, não houve expressão dramática. Apenas um intervalo curto demais para ser percebido por alguém distraído e longo demais para escapar de Helena.

Laura.

Durante anos, aquele nome não aparecera em voz alta. Quando aparecia dentro dele, vinha sem rosto nítido, como uma lâmpada acesa em quarto fechado. Havia uma escada, uma risada, um vestido azul, uma discussão cortada pela memória. Havia também uma escolha, mas essa ele mantinha longe do pensamento como se a distância pudesse modificar o fato.

Augusto puxou a cadeira, sentou-se devagar e só então indicou novamente o lugar à frente.

“Agora a senhora precisa se sentar.”

Helena obedeceu. Não pareceu satisfeita, apenas pronta.

“Laura está bem?”

“Depende do que o senhor chama de bem.”

Ele aceitou a resposta como quem aceita uma advertência.

“Faz muitos anos que não a vejo.”

“Vinte e cinco.”

A precisão do número fechou a sala ao redor dele.

Augusto desviou o olhar para a pasta.

“O que a senhora trouxe?”

Helena colocou a pasta sobre a mesa. O gesto foi cuidadoso, mas não delicado. Havia raiva contida ali. Não uma raiva explosiva, de quem quer ferir. Era a raiva mais perigosa, a de quem organizou a dor até transformá-la em objetivo.

“Quatro documentos.”

“Sobre sua mãe?”

“Sobre minha mãe, sobre Daniel e sobre o senhor.”

Augusto manteve a mão longe da pasta.

“Daniel Figueiredo?”

“Meu tio.”

A chuva pareceu aumentar contra o vidro.

Daniel também tinha permanecido fora das conversas durante vinte e cinco anos. Ao contrário de Laura, não vinha como lâmpada. Vinha como queda. Um corpo perdendo o equilíbrio, uma mão buscando apoio, alguém dizendo para chamar ajuda. Ou talvez isso já fosse memória contaminada por culpa. Augusto nunca soube ao certo. Preferira não saber.

“Daniel morreu”, ele disse.

“Eu sei.”

“Sinto muito.”

Helena olhou para ele como se aquela frase tivesse chegado tarde demais para merecer qualquer resposta.

“Minha mãe nunca aceitou a versão da morte dele.”

“A versão foi acidente.”

“Foi isso que escreveram.”

Augusto respirou devagar.

“E a senhora quer que eu faça o quê?”

“Quero que leia.”

“Só isso?”

“Por enquanto.”

Ele abriu a primeira presilha da pasta, mas não levantou a capa. Antes, olhou para Helena.

“Por que eu?”

“Porque o seu nome está dentro dela.”

“Meu nome aparece em muitos arquivos antigos.”

“Não desse jeito.”

“Que jeito?”

Helena soltou o ar pelo nariz, quase um riso sem humor.

“O jeito de quem foi retirado, mas não completamente.”

Augusto ficou imóvel.

A frase era boa demais para ser improvisada. Ou Laura a dissera. Ou Helena a repetira tantas vezes para si mesma que já parecia herdada.

Ele abriu a pasta.

O primeiro documento era uma fotografia. Antiga, impressa em papel fosco, com as bordas gastas. Quatro pessoas deveriam ter estado ali, mas só três apareciam de modo claro. Uma escada estreita ocupava o centro da imagem. À direita, Daniel Figueiredo estava em pé, mais magro do que Augusto se lembrava, o cabelo caindo sobre a testa, o rosto virado para alguém fora do enquadramento. No meio da escada, Laura aparecia sentada em um degrau, a mão esquerda apoiada no corrimão. Não sorria. Parecia ter sido surpreendida entre uma fala e outra. Atrás dela, mais alto, estava Augusto, vinte e sete anos mais jovem, camisa branca, mangas dobradas, o olhar preso em Daniel.

A lateral esquerda da fotografia havia sido cortada.

Não rasgada. Cortada.

Alguém retirara uma parte da cena.

Augusto sentiu a garganta secar.

“De onde veio isso?”

“Da caixa da minha mãe.”

“Ela guardou?”

“Durante vinte e cinco anos.”

“Por que só agora?”

“Porque ela está doente.”

A palavra entrou com peso diferente. Augusto levantou os olhos.

“Doente como?”

“Câncer.”

Ele fechou a boca antes de fazer outra pergunta. Havia perguntas que soariam indecentes se viessem cedo demais.

Helena apontou para a fotografia.

“O senhor se reconhece?”

“Sim.”

“Reconhece minha mãe?”

“Sim.”

“Reconhece Daniel?”

Augusto demorou menos do que deveria.

“Reconheço.”

“E reconhece quem foi cortada?”

A pergunta chegou limpa. Direta. Sem preparação.

Augusto olhou novamente para a margem esquerda. Havia um pedaço mínimo de manga escura, talvez de um vestido ou casaco. Mais abaixo, perto do terceiro degrau, a ponta de um sapato feminino resistira ao corte. O corpo fora retirado, mas o erro permanecera. Quem cortou a foto não teve paciência ou não teve coragem de destruí-la inteira.

“Não.”

Helena observou o rosto dele.

“Não reconhece ou não quer reconhecer?”

Augusto fechou a pasta devagar.

“Cuidado.”

“Com o quê?”

“Com acusações.”

“Eu não acusei.”

“Acabou de fazer isso.”

“Não. Eu só perguntei se o senhor ainda sabe distinguir uma coisa da outra.”

A frase doeu porque Clara poderia tê-la dito. Talvez dissesse, se estivesse na sala.

Augusto empurrou a fotografia um pouco para longe.

“Helena, eu sou advogado. Se há algo juridicamente relevante aqui, preciso entender com clareza. Se sua mãe deseja reabrir alguma discussão, precisamos saber qual discussão, contra quem, com que finalidade e com quais documentos.”

“Minha mãe não quer processo.”

“Então o que ela quer?”

“Que o caso exista.”

Augusto quase respondeu que casos não passam a existir por vontade de quem sofre. Conteve-se. A experiência ensinara que certas verdades técnicas, quando ditas fora de hora, viram crueldade.

“Explique melhor.”

Helena abriu a pasta de novo e retirou o segundo documento.

“Este é um termo de comparecimento da segurança da Faculdade São Gabriel. Data da mesma noite em que Daniel morreu. O campo da assinatura foi apagado.”

Ela colocou a folha sobre a mesa.

Augusto reconheceu o cabeçalho da antiga faculdade antes mesmo de ler o conteúdo. Faculdade de Direito São Gabriel. Viu o brasão, o número de protocolo, a data parcialmente borrada. Leu as primeiras linhas.

“Compareceu espontaneamente a esta sala pessoa que declarou ter deixado o imóvel da Rua Arvoredo, número 18, por volta das vinte e duas horas e quarenta minutos, a fim de solicitar auxílio externo...”

O restante tinha falhas de reprodução. No final, onde deveria haver nome e assinatura, havia uma área clara demais. Alguém raspou, apagou ou reproduziu mal de propósito.

Helena retirou o terceiro documento.

“Esta é a ficha hospitalar da minha mãe.”

Augusto não tocou nela.

Helena virou a folha para que ele pudesse ler.

Nome: Laura Figueiredo.

Idade: 23 anos.

Entrada: 23h38.

Condição: trauma leve, sangramento, gestação aproximada de doze semanas.

Acompanhante: campo raspado.

No canto inferior, onde a tinta sobrevivera parcialmente, restavam duas letras.

A.L.

Augusto sentiu, pela primeira vez, que a sala diminuía.

Helena colocou o quarto documento por cima dos demais.

“E este é o memorando da faculdade.”

Ele leu em silêncio.

A direção recomendava tratar o episódio como ocorrência externa, sem repercussão disciplinar, sem abertura de sindicância, sem comunicação formal ao conselho universitário. A casa da Rua Arvoredo não aparecia como república vinculada a alunos da São Gabriel. Daniel era mencionado apenas como “estudante falecido em queda acidental”. Laura, como “aluna atendida posteriormente por indisposição”. Nenhuma referência à gravidez. Nenhuma referência à pessoa que saíra para pedir ajuda. Nenhuma referência a Augusto.

“Quem mais viu isso?”, ele perguntou.

“Três advogados, um jornalista e um professor aposentado.”

“E?”

“Disseram que não havia caso.”

“Talvez estivessem falando juridicamente.”

“Talvez estivessem com medo.”

“De quem?”

Helena inclinou-se um pouco para a frente.

“Do senhor. Da faculdade. Do professor Otávio Ramos. Do nome que cada um construiu depois que Daniel virou acidente.”

Otávio.

Agora o passado não vinha mais como lâmpada ou queda. Vinha como voz.

“Calma, Augusto. Ninguém aqui quis isso. Você precisa pensar no que vai dizer.”

Augusto levantou-se e foi até a janela. A cidade estava quase apagada pela chuva. Carros paravam e avançavam lá embaixo, obedecendo a sinais que pareciam inúteis de tão pequenos. Ele apoiou a mão no vidro frio.

“Otávio está envolvido nisso?”

“Ele será homenageado pela São Gabriel na sexta-feira.”

“Isso não responde à pergunta.”

“Responde mais do que parece.”

Augusto virou-se.

“Helena, se sua intenção é impedir uma homenagem, há caminhos menos perigosos do que trazer uma pasta antiga ao meu escritório.”

“Minha intenção não é impedir uma homenagem.”

“Então qual é?”

Ela levantou-se também. Pela primeira vez, a firmeza do rosto cedeu um pouco, e Augusto viu a idade real dela. Vinte e quatro anos. Talvez menos, se a dor não tivesse envelhecido o olhar.

“Eu cresci ouvindo minha mãe acordar à noite. Cresci vendo ela esconder uma caixa no fundo do armário. Cresci sem saber por que ela chorava no dia do aniversário do irmão morto. Quando fiquei adulta, perguntei quem tinha sido Daniel. Ela disse: ‘alguém que tentou me proteger’. Perguntei de quem. Ela não respondeu.”

Augusto não se moveu.

“Na semana passada”, Helena continuou, “ela me entregou a caixa. Disse que não queria morrer deixando Daniel enterrado pela segunda vez. Disse que eu encontraria homens dispostos a explicar por que nada podia ser feito. Disse também que, se eu quisesse entender a verdade, deveria procurar o senhor.”

“Por quê?”

Helena juntou os documentos e recolocou-os na pasta. Depois empurrou tudo na direção dele.

“Porque minha mãe dizia que, se alguém pudesse entender essa pasta, seria o homem que passou a vida inteira tentando esquecer o que havia dentro dela.”

A fotografia cortada

Clara Menezes entrou na sala sem esperar novo chamado. Trazia um bloco pequeno, o celular na mão e a expressão de quem já havia percebido que aquela visita não terminaria em uma consulta comum. Parou perto da porta, mediu Helena com um olhar rápido e depois olhou para Augusto. Não perguntou se deveria ficar. Entre eles, depois de seis anos de sociedade, certas autorizações já não precisavam ser ditas.

“Doutor Augusto?”, disse Clara.

Helena voltou o rosto para ela.

“Doutor?”

Clara percebeu a ironia antes de Augusto.

“Velho vício do escritório”, respondeu. “Quando estou irritada, chamo pelo nome. Quando estou preocupada, chamo de doutor.”

“E agora?”

“Agora ainda estou decidindo.”

Augusto não sorriu. A pasta permanecia aberta sobre a mesa, mas os documentos já não pareciam objetos inertes. A fotografia estava por cima de tudo, inclinada em direção a ele, como se o passado tivesse encontrado uma posição confortável no presente.

“Clara Menezes”, disse Augusto. “Minha sócia.”

Helena assentiu.

“Helena Figueiredo.”

“Eu sei. Fui eu que anunciei sua chegada.”

Clara fechou a porta e se aproximou da mesa. Não tocou na pasta de imediato. Primeiro olhou para Augusto. Ele estava de pé, ao lado da janela, com a mão direita fechada junto ao corpo. Não era medo. Clara

já o vira com medo e sabia reconhecer. Aquilo era outra coisa. Uma tentativa de manter o rosto no lugar.

“Posso?”, perguntou ela, apontando para a fotografia.

Helena respondeu antes dele.

“Pode.”

Clara puxou a cadeira ao lado da mesa e sentou-se. Tomou a fotografia pelas bordas, com cuidado instintivo, e a aproximou da luz. A chuva tinha escurecido a sala, e o abajur sobre a mesa produzia uma claridade lateral que acentuava o desgaste do papel. A imagem era antiga, mas não frágil. Tinha sido guardada com cuidado. Quem a conservou não queria esquecê-la. Quem a cortou também não.

“Onde foi tirada?”, perguntou Clara.

“Numa casa da Rua Arvoredo”, respondeu Helena.

Augusto olhou para ela.

“Você sabe o endereço?”

“Sei.”

“Como?”

“Minha mãe escreveu atrás de outra foto.”

Clara virou a imagem, mas o verso estava vazio.

“Não desta?”

“Não. Esta ficou limpa. Como se alguém quisesse que a foto falasse sozinha.”

Augusto voltou para a mesa.

“Fotos não falam.”

Clara ergueu os olhos para ele.

“Falam sim. Só não prestam depoimento.”

A frase ficou no ar por um instante. Helena observou Clara com mais atenção, talvez pela primeira vez desde que ela entrara. Havia ali uma mudança de temperatura. Clara não parecia interessada em proteger Augusto. Parecia interessada em entender o que a fotografia escondia. Para Helena, isso importava.

Clara colocou a imagem no centro da mesa.

“Vamos descrever o que temos, sem interpretar demais.”

Augusto puxou a cadeira, mas não se sentou. Ficou em pé, atrás dela.

Clara apontou para a parte inferior da imagem.

“Escada interna. Madeira escura. Corrimão à direita. Parede branca, talvez creme. Três pessoas visíveis. Uma mulher sentada no degrau do meio. Um homem em pé à direita. Outro homem mais acima, atrás dela.”

“Laura, Daniel e Augusto”, disse Helena.

Clara não reagiu ao nome de Augusto. Apenas confirmou com um movimento mínimo da cabeça.

“Laura está sentada. Não parece posando.”

“Não estava”, disse Helena.

Augusto olhou para ela.

“Sua mãe contou isso?”

“Contou pouco. Mas disse que aquela foto não era uma lembrança. Era um aviso.”

Clara continuou:

“Daniel está olhando para fora da fotografia. Não olha para Laura, nem para Augusto. Olha para alguém que foi cortado ou para alguém fora do enquadramento.”

“Cortado”, disse Helena.

“Talvez.”

“Não talvez.”

Clara pousou a foto.

“Helena, eu sei que para você isso vem de vinte e cinco anos de história familiar. Para mim, por enquanto, é uma fotografia cortada. Se eu avançar mais rápido do que a prova permite, eu erro. E se eu errar aqui, ajudo a enterrar sua mãe de novo.”

Helena ficou em silêncio.

A dureza da frase não tinha crueldade. Tinha direção.

Augusto sentou-se finalmente. A cadeira rangeu baixo.

“Clara tem razão.”

“Eu sei”, disse Helena. “Só estou cansada de ouvir as pessoas chamarem tudo de talvez.”

“Às vezes é a única palavra honesta no começo”, respondeu Clara.

Ela aproximou novamente a fotografia. Com o polegar, sem tocar a parte impressa, indicou a lateral esquerda.

“O corte é reto demais para ter sido acidente. Não é desgaste. Não é dobra. Alguém usou tesoura ou estilete. Aqui embaixo sobrou a ponta de um sapato. Feminino, provavelmente. Aqui em cima, um pedaço de

manga escura. Isso sugere que havia uma quarta pessoa próxima à escada.”

“Ou entrando na cena”, disse Augusto.

Clara o encarou.

“Você lembra?”

Ele demorou.

“Lembro da casa.”

“Da escada?”

“Sim.”

“Da foto?”

“Não.”

“De Daniel?”

Augusto olhou para o rosto do jovem na imagem.

Daniel Figueiredo tinha vinte e quatro anos quando morreu. Na fotografia, parecia mais novo. Havia nele uma espécie de confiança impaciente, desses homens que ainda acreditam que a verdade basta para mudar a direção de uma noite. O cabelo caído sobre a testa, a camisa escura, o maxilar tenso. Não era uma pose. Daniel estava irritado.

“Lembro de Daniel.”

“Como era sua relação com ele?”, perguntou Clara.

“Éramos colegas.”

Helena soltou um riso curto.

“Colegas?”

Augusto virou-se para ela.

“É o que posso dizer com segurança.”

“Minha mãe dizia que Daniel confiava no senhor.”

“Isso foi antes.”

“Antes de quê?”

Clara interrompeu:

“Helena.”

A jovem respirou fundo, mas não pediu desculpas.

“Antes de ele cair da escada?”, insistiu.

Augusto fechou os olhos por um segundo. Quando os abriu, a fotografia continuava ali. O passado tinha a crueldade de não obedecer ao desconforto de ninguém.

“Eu não vi Daniel cair.”

Helena inclinou a cabeça.

“Não viu?”

“Não lembro de ter visto.”

“É diferente.”

“Sim. É diferente.”

Clara anotou algo no bloco.

Augusto percebeu.

“O que está anotando?”

“A primeira contradição útil.”

“Qual?”

“Você não disse ‘ele não caiu’. Disse ‘eu não vi’.”

Helena olhou para Clara com um interesse novo. Augusto, por sua vez, sustentou o olhar da sócia por dois segundos a mais do que o necessário.

“Você também está me interrogando?”

“Estou impedindo você de fazer o que faz melhor.”

“E o que é?”

“Escolher as palavras que deixam menos marcas.”

A frase acertou Augusto com mais força do que Helena esperava. Pela primeira vez, ele pareceu menor dentro da própria sala.

Clara voltou à fotografia.

“Temos que digitalizar isso em alta resolução. Verificar textura, corte, borda, possível sombra. Talvez haja mais informação no negativo, se existir.”

“Não existe”, disse Helena.

“Como sabe?”

“Minha mãe procurou durante anos. Só tinha essa cópia.”

“E as outras fotos?”

“Algumas. Poucas. Nenhuma igual a essa.”

“Você trouxe?”

“Não hoje.”

“Traga.”

Helena assentiu.

Augusto tocou a mesa, não a fotografia.

“Você disse que sua mãe está doente. Ela sabe que você veio?”

“Sabe.”

“Foi ela que pediu?”

“Não exatamente.”

“Helena.”

“Ela me entregou a caixa. Disse que eu faria o que achasse certo. Depois disse que, se eu viesse, o senhor tentaria primeiro tratar tudo como documento.”

“E o que ela esperava que eu fizesse?”

“Que falhasse.”

Clara levantou os olhos.

“Falhasse?”

Helena olhou diretamente para Augusto.

“Ela disse que o senhor era muito bom lendo papéis dos outros. Queria saber se ainda conseguiria ler um papel quando estivesse dentro dele.”

O silêncio que veio depois foi o primeiro silêncio verdadeiro da tarde. Antes havia cautela, tensão, defesa. Agora havia reconhecimento. Não de culpa, ainda não. Mas de perigo.

Clara virou a fotografia de novo, procurando alguma marca no verso. Nada. Nenhuma data, nenhum nome, nenhuma anotação. A ausência era limpa demais.

“Quem cortou a foto?”, perguntou Clara.

“Minha mãe dizia que não sabia.”

“E você acredita?”

Helena pensou antes de responder.

“Acredito que ela sabia por que a foto precisava sobreviver.”

Clara tornou a inclinar a imagem sob a luz. O corte removía quase todo o corpo da quarta pessoa, mas não a sombra projetada no degrau inferior. Também restava, junto à borda, uma faixa de claridade que não combinava com a parede. Poderia ser a porta aberta. Poderia ser um reflexo. A cópia era insuficiente para decidir.

“Há outra pergunta”, disse Clara.

“Qual?”, perguntou Helena.

“Quem tirou a fotografia.”

Augusto levantou os olhos.

Até então, os quatro ocupavam a atenção: Laura no degrau, Daniel ao lado da escada, o próprio Augusto acima dela e a pessoa retirada da

margem. Mas alguém estivera atrás da câmera. Alguém escolhera o instante, o ângulo e a distância. A fotografia não era apenas uma lembrança adulterada. Era o olhar de uma quinta pessoa.

“Pode ter sido qualquer um”, disse ele.

“Não”, respondeu Clara. “Qualquer um não. Quem fotografou conhecia a casa, estava perto da porta e não foi surpreendido pela discussão. Veja Daniel: ele olha na direção da câmera, mas não parece posar. Parece responder.”

Helena acompanhou a linha do olhar do tio.

“Minha mãe nunca falou de quem estava com a câmera.”

“Talvez porque não soubesse”, disse Augusto.

“Ou porque sabia o bastante.”

Clara pousou a imagem.

“Você reconheceu o lugar antes de Helena dizer o endereço.”

Augusto não respondeu.

“A mão no corrimão”, continuou Clara. “Foi quando você percebeu que era a Rua Arvoredo.”